

SÁBADO, 24 DE FEVEREIRO DE 2024

(PENSAR)

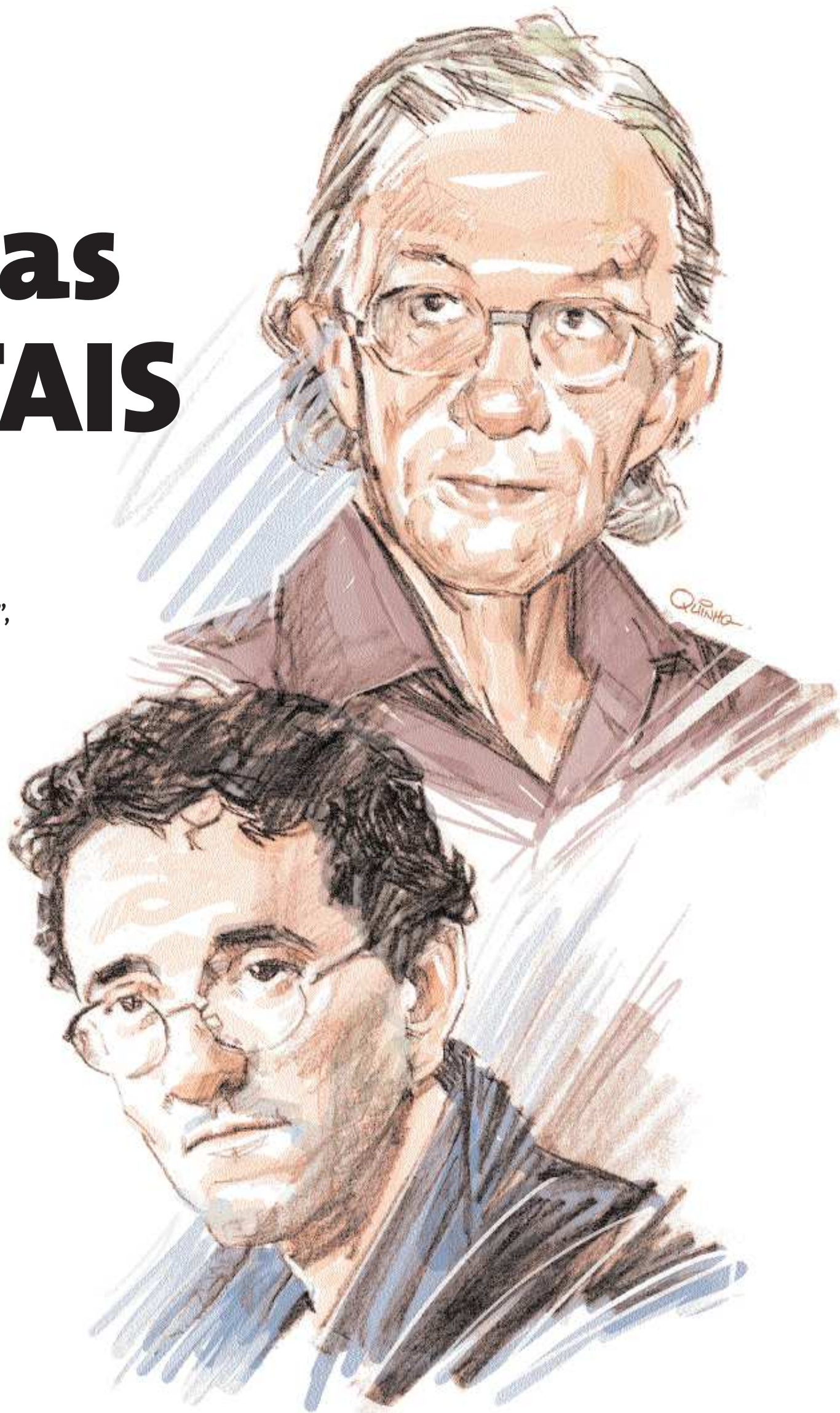
ESTADO DE MINAS

Palavras IMORTAIS

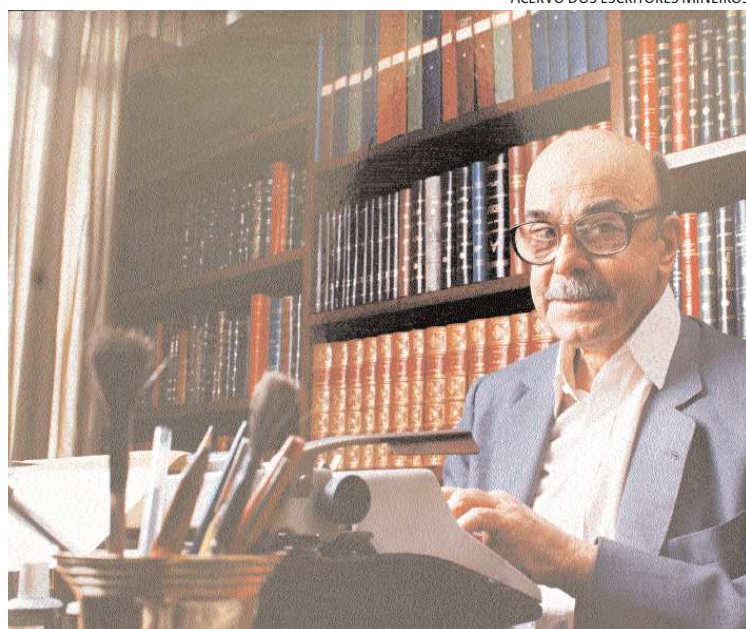
O monumental “Madona dos páramos”,
obra-prima do mato-grossense
Ricardo Guilherme Dicke (1936-2008),
ganha relançamento
PÁGINAS 4 E 5



“O *gaucho* insofrível” reúne os últimos
contos e conferências do chileno
Roberto Bolaño (1953-2003), um dos
maiores escritores latino-americanos
PÁGINAS 6 E 7



Concurso literário para jovens



ACERVO DOS ESCRITORES MINEIROS

O escritor mineiro Murilo Rubião em seu escritório na Av. Augusto de Lima, em 1991

Autor de “Pirotécnico Zacarias”, “O exmágico” e outros títulos e precursor do realismo fantástico no Brasil, o escritor mineiro Murilo Rubião (1916-1991) está ganhando homenagem. O intuito é divulgar a sua obra entre os jovens. Para isso, a Literíssima Editora criou o projeto “Murilo Rubião na Escrita Jovem”. Um concurso literário para contos que citem o escritor ou algum de seus livros está aberto até o fim de abril, para quem tem de 14 a 21 anos, pelo site literissima.com.br/murilorubiao. Os 50 textos selecionados vão compor um livro e os autores receberão 10 exemplares, gratuitamente, além de participar de oficina e palestra com Sílvia Rubião, sobrinha de Murilo, e com a escritora Rafaela Polanczyk. O projeto foi aprovado na Lei Municipal de Incentivo à Cultura de BH e tem patrocínio da Unimed Federação Minas e Unimed Aeromédica.

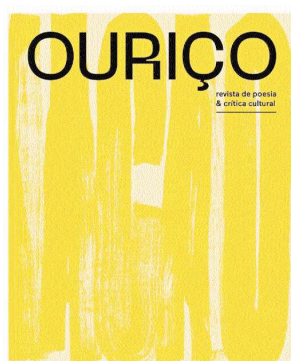
A volta do “República Jenipapo”

O projeto “República Jenipapo”, parceria da Livraria Jenipapo com o Projeto República da UFMG, recomeça em 2024 com o estilista Ronaldo Fraga e a jornalista Sabrina Abreu para conversar a respeito do livro “Memórias de um estilista coração de galinha”. O encontro terá ainda a participação da consultora de moda Glória Kalil e apresentação de Heloisa Starling. Será na próxima terça-feira, às 19h, na praça da Livraria Jenipapo (Rua Fernandes Tourinho, 241, Savassi, BH). Resultante de nove anos de encontros entre entrevistadora (Sabina) e entrevistado (Fraga), o livro foi lançado em novembro pela editora Autêntica.

“Ronaldo Fraga nunca viveu à sombra de bananeiras. Nem de coqueiros. Ele é um homem do sol duro, das minas da terra e da paz revoltada das montanhas. A roupa que ele propõe tem todas estas características: é viva e alegre como o sol, atemporal como a terra, rebelde e levemente melancólica como são as montanhas. O Brasil que ele habita também habita suas criações, sempre com esse tempero.”

Gloria Kalil

*



“Ouriço”, volume 3

Entrou em pré-venda o volume 3 da “Ouriço”, revista de poesia e crítica, agora publicada pelas editoras Macondo e Relicário. Até 8 de março os exemplares podem ser comprados com 15% de desconto (R\$ 67,90) no site das duas editoras. Entre os nomes que participam do novo número estão Age Carvalho, Ana Martins Marques, Arnaldo Antunes, Bruna Beber, Cide Piquet, Clara Delgado, Danielle Freitas, Dirceu Villa, Italo Moriconi, Prisca Agustoni e Ricardo Domeneck. “Este terceiro volume da ‘Ouriço’ procura respirar o que há de novo e fresco nos dias que correm – sem, evidentemente, abandonar sua vocação”, afirmam na apresentação os editores Daniel Arelli e Gustavo Silveira Ribeiro.



NINO ANDRES/DIVULGACAO

“Magistocracia”

O professor de direito constitucional da Universidade de São Paulo (USP) e pesquisador do Centro de Análise da Liberdade e do Autoritarismo (Laut) Conrado Hubner Mendes lança na próxima terça-feira, na Livraria da Rua (Rua Antônio de Albuquerque, 913, Savassi, BH), a partir das 19h, o livro “O discreto charme da magistocracia: vícios e disfarces do Judiciário brasileiro”. A obra reúne 88 textos sobre os “usos e abusos das cortes superiores, em especial do Supremo Tribunal Federal”, práticas que o autor chama de “magistocracia — o patriciado autoritário, autocrático, rentista e dinástico que corrompe o sistema jurídico”.

Os excessos da contemporaneidade

O psicanalista italiano Domenico Cosenza lança livro em BH em que propõe nova postura sobre sintomas, tendo como referência, por exemplo, casos de isolamento virtual e distúrbios alimentares

FAUSTINO RODRIGUES
ESPECIAL PARA O EM

Há quase 100 anos, Freud dizia que para ingressarmos na civilização devemos abrir mão de algo, controlando nossas pulsões enquanto manifestações do inconsciente: para uma vida em coletivo, não podemos fazer tudo o que queremos. O enunciado atravessa o século 20, incidindo nas interpretações sobre os formatos de nossas culturas e os limites da liberdade e a necessidade do sujeito comum em ceder.

Recentemente, Domenico Cosenza colocou em pauta a nova configuração assumida pela sociedade em seus sintomas. O psicanalista italiano aborda isso em seu novo livro, “A clínica do excesso – Derivas pulsionais e soluções sintomáticas na psicopatologia contemporânea”, da editora Scriptum, a ser lançado em 7 de março, a partir das 18h, no Congresso Internacional do Janela da Escuta, em Belo Horizonte.

Segundo Cosenza, a psicanálise, durante o século 20, orientou-se por um viés hermenêutico, de releitura dos pensamentos e sintomas dos pacientes. Grosso modo, era como se o psicanalista se dedicasse a explicar para o sujeito o real significado de pensamentos e ações a partir de uma anamnese. Ao mesmo tempo em que as pesquisas de Cosenza atentam para um novo formato dos sintomas contemporâneos, contribuindo para os mais distintos campos de estudos, também sugere ao profissional na psicanálise uma mudança de postura da clínica.

É como se dissessemos que, nos sintomas atuais, não há concessão. O sujeito não cede em seus sintomas, não havendo, portanto,

restrições para a sua manifestação – e tampouco para justificativas a partir de uma anamnese. Eis a noção do excesso. Logo, não admite perdas para entrar na civilização.

A preocupação de Cosenza tornou-se evidente ao observar casos como os de anorexia mental, toxicomania, distúrbios alimentares em geral, isolamento em dispositivos eletrônicos, entre muitos outros. Outrossim, o autor frisa que isso não é uma regra – a sua preocupação maior é a de assinalar a existência desses casos de excesso, conferindo orientações para o tratamento adequado e uma distinta leitura do mundo atual.

É estranho pensar que a anorexia, essa aparente negação ao alimento, pode ser definida pelo excesso. Para tanto, Cosenza assinala o gozo vivenciado pela pessoa anoréxica quanto à sua própria condição. Não se trata apenas de deixar de comer, mas, sobretudo em insistir em não comer. Ao fazê-lo, constrói para si uma personalidade sem limites, sem concessões, ante a certeza de que é assim que deve ser. Não se angustia por estar emagrecendo, mas, fundamentalmente, se angustia quando se vê obrigada a comer contra a sua vontade.

Algo semelhante se passa com alguns toxicômanos. O permanente uso de substâncias os deixa alheios a tudo o que se encontra ao seu redor. O importante é a sensação de torpor do momento. Os exemplos acima derivam de anos de prática clínica, além de uma pesquisa de doutorado em Paris. Entretanto, Cosenza sublinha que cada caso é um caso, não sendo possível caracterizar toda pessoa anoréxica ou toxicômana por meio do excesso – embora esse seja um traço cada vez mais marcante dos últimos anos.

Não é incomum encontrar indivíduos anoréxicos ou toxicômanos ansiosos por se alimentarem ou largarem o vício, respectivamente – chamemo-nos de anoréxicos e toxicômanos clássicos. Daí, advém uma angústia pela superação de tal condição. Essa angústia está cada vez menos presente na clínica contemporânea, demarcando justamente a existência do excesso.

Aliás, no lugar dessa angústia, o que se tem visto mais amiúde é a certeza em tom de verdade quase absoluta. A pessoa anoréxica nunca está magra o suficiente – e a atenção de Cosenza para com os adolescentes, neste caso, é muito interessante, tal como

visto em seu livro anterior, “A recusa na anorexia”, também publicado pela Scriptum. A bulímica está segura de poder comer o quanto quiser, bastando apenas vomitar tudo depois. E o indivíduo alcoolista bebe por tomar isso como um ritual social normal, mesmo que o faça isoladamente.

Embora os casos evidentes em “A clínica do excesso” sejam patológicos, é bom que o livro não fique restrito a especialistas, podendo ser lido por qualquer um. Afinal, o excesso está em todo lugar. Cosenza escreve, a título de ilustração, na era dos seriados e suas fórmulas de produção de êxtases a conta-gotas, de rápida e fácil transmissão e acesso, evidentes em cada capítulo. Há também a vida com os pets, em que o sujeito humaniza bichos ao extremo, em um interminável êxtase de carinhos e mimos; a necessária e quase compulsiva comunicação permanente, sempre pelo virtual, com o WhatsApp e a demanda de respostas imediatas. Os exemplos são inúmeros.

A tudo isso, tem-se um traço cada vez mais marcante: o da solidão. Os sujeitos, agora, supostamente se bastam em si mesmos, sendo capazes de se satisfazer, pois não mais precisam ceder a nada. A anoréxica mental vive sozinha, não interagindo com refeições; o toxicômano experimenta as suas substâncias cada vez mais isolado, pois as reações não compõem o repertório social tradicional, o espectador do seriado se escarrapacha no sofá na companhia das plataformas de streaming, o pet se torna a única companhia necessária e por aí vai.

“Um traço que podemos encontrar nesse âmbito da clínica contemporânea é a tendência do sujeito a se isolar para gozar sem freio do objeto de sua dependência. Isso não acontece apenas com pacientes com evidente retraimento social, que passam, por exemplo, todo o tempo em frente ao computador navegando na internet. Acontece também com sujeitos que mantêm um semblante da vida social, mas que, na verdade, estruturam uma vida dupla. Durante o dia cumprem as exigências da vida normal, trabalham e convivem com os outros. Mas quando voltam para casa à noite, o que os espera é o encontro irresistível com o objeto de sua solução sintomática” (pp. 67-68).

Cosenza não condena a sociedade imersa no excesso. A preocupação maior é a de chamar a atenção para essa atualidade e as novas configurações assumidas. Logo, qualquer pessoa pode/deve ler o seu livro. “A clínica do excesso” surge como o testemunho de um tempo normalmente compreendido como de progresso. Devemos pensar mais sobre isso.



“CLÍNICA DO EXCESSO: DERIVAS PULSIONAIS E SOLUÇÕES SINTOMÁTICAS NA PSICOPATOLOGIA CONTEMPORÂNEA”

- De Domenico Cosenza
- Tradução: Cíntia Demaria
- 304 páginas
- Editora Scriptum
- Lançamento: 7 de março, a partir das 18h, no Congresso Internacional do Janela da Escuta, no Instituto Undió, Avenida Alfredo Balena, 190, Belo Horizonte



FAUSTINO RODRIGUES é psicanalista e professor de sociologia na Universidade do Estado de Minas Gerais (Uemg)

Veredas esfareladas

O monumental “Madona dos páramos”, obra-prima do mato-grossense Ricardo Guilherme Dicke (1936-2008) e um dos grandes romances da literatura brasileira no século 20, ganha relançamento



VIDA E MORTE EM MATO GROSSO

Ricardo Guilherme Dicke nasceu em 16 de outubro de 1936, em Raizama, na Chapada dos Guimarães, em Mato Grosso. No começo da década de 1960, estreou no romance com “Caminhos de sol e lua”. Em 1968, publicou o segundo romance, “Deus de Caim”, menção honrosa do Prêmio Walmap, tendo como jurados Antonio Olinto, Guimarães Rosa e Jorge Amado. Em 1977, venceu o Prêmio Remington de Prosa e Poesia com o romance “Caieira”, publicado no ano seguinte pela editora Francisco Alves. Em 1981, ganhou o Prêmio Ficção de Brasília com o romance “Madona dos páramos”. Morreu em Cuiabá, em 9 de julho de 2008.

“**M**adona dos páramos”, romance do mato-grossense Ricardo Guilherme Dicke (1936-2008), é uma das joias mais bem enterradas da literatura brasileira. Lançado originalmente em 1982, o livro jamais recebeu a atenção que merece e só agora é reeditado por uma grande casa editorial, a Record. Trata-se de um violentíssimo épico da incompletude, marcado por uma jornada cujo destino escapa aos personagens e leitores, estruturado como uma sequência de blocos narrativos e digressivos, sem divisões de capítulos ou quaisquer respiros para o leitor, com parágrafos que se estendem por páginas e páginas. É monumental.

Antes dele, Dicke afiara a prosa em dois bons romances: “Deus de Caim” (Prêmio Nacional Walmap 1968) e “Caieira” (Prêmio Remington de Prosa 1977). Neles já estão presentes o estilo abrasivo, febril, e os indivíduos lançados em um ambiente de veredas que se

esfarelam, abauladas por um “silêncio armado”, à mercê da natureza devoradora. Mas foi em “Madona dos páramos” que ele melhor equilibrou todos esses elementos e lançou mão de outros.

O romance começa com uma fuga. Uma rebelião numa cadeia interiorana cospe dezenas de criminosos aos quatro ventos. Alguns deles, liderados por um “pretaço de raça caburé, cuiabano de sangue azougado” chamado Urutu, investe tuaiá adentro rumo a um lugar mítico, a Casa da Figueira-Mãe. “Tuaiá” é uma palavra de origem tupi que, segundo o Houaiss, significa “lugar muito longe, rio acima”. Ela também é usada para designar, “no Alto Xingu, a mais distante região de seringais”. Esses lugares remotos servem de proteção para os fora-da-lei, dificultando o trabalho dos “meganhas”, e também para alimentar a busca última, interminável, pela Figueira-Mãe: “Estavam no centro do tuaiá. Ali era o rodopião, a espiral das ilusões mais profundas”.

O QUE FOI DITO SOBRE O LIVRO E O AUTOR

“Um escritor que me comove até a medula é o Ricardo Guilherme Dicke. Eu o considero dono de uma linguagem excepcional, belíssima. ‘Madona dos páramos’ é uma obra-prima”

Hilda Hilst

“Grande oportunidade de (re) descoberta de Ricardo Guilherme Dicke e de sua literatura ferozmente original”

Marçal Aquino

“Gênio que viveu recluso”

Ignácio de Loyola Brandão

“O injustamente desconhecido Ricardo Guilherme Dicke”

Joca Reiners Terron

As páginas iniciais nos trazem o ex-cabo José Gomes. Já em fuga da cadeia (seu crime: flagrou a mulher com outro e matou o sujeito a machadadas, deixando “os quartos do homem abertos em dois, os ossos vivos no cerne do branco despontando em tutano no escarlate do esquadro”), ele se depara com uma velha pedinte que parece uma das bruxas de “Macbeth”. Ela roga uma série de pragas para o fugitivo, mas por fim lhe cede a benção após ganhar uns trocados e entender que ele, a despeito das roupas que usa, não é mais um soldado.

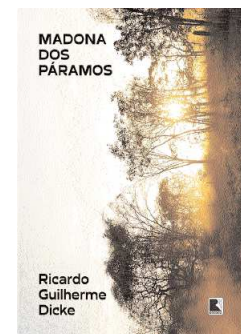
Em um buritizal, Gomes encontra outro fugitivo, o rapaz Garci, ex-recruta, e eles seguem viagem. Dão com “uma casinhola de sapê num cochicholo de mata”; atrás dela, “um amontoado como de vísceras”, pés e mãos decepados e “testículos humanos, órgãos de gente”; por fim, do “lado do varal da cumieira, dependurados como morcegos, por tiras de couro, de cabeça para baixo (...), quatro homens despídos, sem mãos e sem pés, furados a bala, estrias escuras pelo corpo, castrados em sangue seco”. É sinal de que Urutu e os outros estão por perto. Com efeito, não demora para que esses “foragidos, bandleiros, homens livres” retornem ao local do massacre. São eles: o Caveira, “de Minas Gerais e professor”; Chico Inglaterra, “meio cínico nos modos, meio delicado com o corpo”, o couro devastado pela macutena (hanseníase); o mulherengo Lopes Mango de Fogo; Babalão Nazareno, com seu “rosário de contas enormes e toscas no pescoço”; Canguçu, de “cem mortes no lombo”; Pedro Pebá, “amansador de gente, capador de onça e capitão”; e Bebiano Flor, “boiadeiro e cantor”.

Juntos, eles saem à procura da Figueira-Mãe, “casa-palácio-igreja”, “direção de homizão, onde não chegam os abusos nem as arbitrariedades”, “lugar perdido no maior sertão do Norte mais profundo, no tuaiá dos matogrossos, que todos os perseguidos sonham alcançar um dia e pensam encontrar sem erro preconcebido nem maturado”. Essa Canudos elusiva teria o seu Antônio Conselheiro, um certo Sem-Sombra, que antes se metera com a sobrinha de um arcebispo e, a exemplo de Abelardo, foi castrado. “Mas tudo isso podem ser lendas”, diz Chico Inglaterra. “E as lendas correm e voam.” Lenda ou não, é para a Figueira-Mãe que o bando de proscritos vai, esteja ela onde estiver, exista ou não. A eles se juntarão o silencioso Melânio Cajabi, “com sua solidão de mil silêncios encravados na sua mudez”, homem cuja voz só se fará ouvir no longo e esplendoroso monólogo final, e aquela que é o centro em torno do qual orbita o romance – a moça sem nome.

TRECHO

(De “Madona dos páramos”, de Ricardo Guilherme Dicke)

“As palavras pendem no ar. Garci olha-o mais uma vez, o pobre homem tem os olhos molhados, nadando, e dentro deles Garci vê um brilho puro, talvez sua pureza que ele procura nos outros ou em si, não sabe, e limpa-os com a manga. Já não se pode continuar. Há um vácuo na alma deste sol, pululando de carbúnculos de ouro, ustão sem fim, eco a percutir até as barras do infinito. Homem, um homem, sim, mas um homem como se ele fosse obrigado a ir por onde quer que fosse carregando os próprios testículos, como coisa tão crua, óbolos da natureza, levando-os, sim, imagem de Deus, eternamente perfurados por uma agulha, pobres óvulos da vida, e levasse essa agulha incandescente ali sempre, homem-deus carregando seus sofrimentos, como um Sísifo infinito enquanto vivo. Tântalo, Prometeu de outros fígados. Homem, um homem.”



“MADONA DOS PÁRAMOS”

- De Ricardo Guilherme Dicke
- Record
- 518 páginas
- R\$ 58,90

A certa altura, membros do bando invadem uma fazenda e matam os proprietários. Trazem de lá, entre os espólios, a moça cujo nome jamais saberão. Seria abusada por Urutu, mas algo nela, para além do silêncio e da grande beleza que ostenta, acaba por mesmerizá-los. Ciente de seu poder sobre os bandidos, ela perpetra “uma espécie de vingança” que passa pela negação do nome (“eu sou a Mulher me vingando da gratuidade do mundo, a mulher que exige vingança ou uma explicação de Deus”) e chega à elusividade do corpo: às vistas de todos, intocada, ela se banha em um rio. É quando seu domínio sobre eles é consumado, e os homens passam de sequestradores a sequestrados.

Identificada com uma espécie de “santa no altar” ou, melhor ainda (e aqui o paganismo de Dicke sorri para o leitor), “deusa, dessas dos livros antigos, mais velhos”, ela continuará inviolada, exceto por um breve contato com o leproso Chico Inglaterra – mas o que se tem aí é o reiterar de sua condição, na medida em que, feito “uma rainha”, ela oferta “aqueles instantes como um presente aos homens, aos viventes que a amavam na sua solidão”. A violência da moça sem nome é ctônica, pois ela se confunde com a Mãe-Terra, ao passo que a violência dos homens que a escoltam é um jogo de meninos adoecidos.

A jornada de “Madona dos páramos” jamais se completa. Seus personagens se entregam a essa (não) destinação, a esse cavalgar eterno pelos ermos do mundo, a essa busca interminável pela Figueira-Mãe que acaba se transformando em buscas outras. No transcorrer desse percurso, a narrativa passeia por todos e cada um deles, flutua com e por suas vozes e lembranças, munícia um coral que se dispõe a cantar histórias dentro de histórias dentro de histórias, em notas que se distendem ao extremo em meio a “esse som de cascos, cascos, cascos e cascos e no interior dos cascos esse silêncio e dentro das frestas desse silêncio esse violão soando”.

Dada a sua estruturação singular, é um erro grotesco caracterizar a prosa de Dicke co-

mo “regionalista” (categorização tão genérica quanto disfuncional) ou, pior, encarar o autor como um sub-Guimarães Rosa. A narrativa rosiana obedece a intenções, instintos e procedimentos diversos dos da prosa dickiana. Grosso modo, Rosa é joyceano e Dicke é faulkneriano. Em Dicke, o espraiar “oleoso” das palavras é bem diferente do inventivo gozo linguageiro proposto por Rosa. Há uma espécie de estiramento tumultuoso em “Madona dos páramos”.

Assim, quando deixamos Urutu, José Gomes, Melânio Cajabi e cia., eles prosseguem na busca pela Figueira-Mãe, prenhes da presença-ausência da moça sem nome, talvez andando em círculos, talvez não (as noções de tempo e espaço são implodidas pelo caráter cada vez mais alucinatório do romance), mas entregues àquela procura e contaminados por ela. Inexiste, portanto, um arco narrativo como aquele de (imposto por?) Riobaldo, que desde o início se coloca em um ponto fixo a partir do qual pode, retrospectivamente, desfiar sua história. Não há pontos fixos em Dicke. Pelo contrário: “Madona dos páramos” nos pede que trilhemos por um caminho que nem é “mais caminho e sim deserção de caminho”. Não existe nada igual na literatura brasileira.



ANDRÉ DE LEONES é autor do romance “Vento de queimada” (Record), entre outros.

O oásis e o horror

Últimos escritos do chileno Roberto Bolaño (1953-2003), os contos e as conferências reunidos em “*O gaúcho insofrível*” têm um tom de desafio à morte com provocações e ironias diante do abismo

GUSTAVO SILVEIRA RIBEIRO
ESPECIAL PARA O EM

“Devemos um fígado a Bolaño”. A frase é de Nicanor Parra, poeta chileno como Roberto Bolaño, e foi divulgada poucos meses depois da morte do escritor, em 2003. É o mais conhecido e talvez o mais radical dos epitáfios de Bolaño. Além de lamentar a perda do amigo e de incluir todos no processo do luto, o autor de “Poemas e antipoemas” foi capaz de nomear, através dela, questões chave da obra de Bolaño. Com a contundência que caracteriza sua poesia, Parra oferece, numa única palavra de sentidos contraditórios – “dever” – uma senha de leitura para muitos trabalhos de Bolaño.

Dessa palavra é possível derivar tanto o compromisso e a responsabilidade (a consciência do dever) quanto a perseguição e os apertos da dívida. Ou em outros termos: são questões de princípios e de pobreza. E quem fala em deveres e dívidas fala também de legado, isto é, das contas a prestar e do que ficará para trás depois do fim.

“*O gaúcho insofrível*”, que a Companhia das Letras acaba de publicar, traz ao centro da cena as questões cortantes do dever, da dívida e do legado. Os textos que constam no volume são alguns dos escritos finais do autor. Neles, a presença da morte e da doença são incontornáveis. Mas não ofuscantes. Como antecipa a epígrafe colhida em Kafka (nome decisivo na constelação desse livro), para

o autor parece importar mais o que resta, o que sobrevive; aquilo que, afinal, não se perderá de todo.

Nesse sentido, os contos e conferências reunidos no livro não são prefigurações da morte, mas desafios lançados a ela. Provoações e ironias diante do abismo. Algumas, aliás, engraçadíssimas. De par com a tragédia da violência, da catástrofe econômica e da enfermidade incurável, o humor avulta. É um dos componentes fundamentais daquilo que o escritor quer deixar depois de tudo – a herança de um deserdado.

A releitura que Bolaño faz, no conto título, da literatura viril dos pampas é disruptiva porque ri do caos, da desagregação e dos mitos da macheza latino-americana. A fim de discorrer sobre as relações entre a criação literária e a doença, o autor, ele mesmo já bastante doente, vai deslendo poetas célebres e sérios da tradição para desvelar-lhes o ridículo, todos adoentados ou hipocondríacos: Mallarmé, Alfonso Reyes, Baudelaire.

O avanço contemporâneo da má literatura – uma literatura de grandes vendas que é, sobretudo, “amena”, “clara”, “legível” – é apresentado de modo divertido em “Os mitos Cthulhu”, que faz piadas com a maquinaria grotesca da publicidade literária, seus talk shows, autógrafos e sorrisos. O humor é uma das respostas de Bolaño ao seu tempo. Mas nem só de gracejos é feito “*O gaúcho insofrível*”.

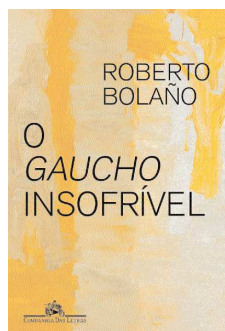
Falemos agora de dívidas. A bancarrota argentina de 2001, que levou o país à falência e a população às ruas (a Argentina teve quatro presidentes em poucas semanas), estava ligada ao alto endividamento externo. O confisco das contas bancárias que se seguiu produziu fome e mais dívidas. Esse contexto serviu a Bolaño como mote para um dos seus melhores contos. Nele, o autor explicita as leituras portenhas que fez e tenta quitar o débito que tem com os argentinos. Bolaño reescreve Borges, Cortázar, Di Benedetto, Wilcock, buscando infiltrar-se na tradição do país. Reescrever, para o autor, não é produzir um pastiche bem armado. É intervir, desfazer, sabotar.



TRECHO

(De "O gaúcho insofrível")

"Os escritores atuais já não são, como bem notou Pere Gimferrer, cavalheiros dispostos a fulminar a respeitabilidade social nem muito menos um bando de desajustados, mas gente saída da classe média e do proletariado disposta a escalar o Everest da respeitabilidade, desejava de respeitabilidade. São louros e morenos filhos do povo de Madri, são gente de classe média baixa que espera terminar seus dias na classe média alta. Não rechaçam a respeitabilidade. Buscam-na desesperadamente. Para chegar até ela têm de transpirar muito. Assinar livros, sorrir, viajar para lugares desconhecidos, sorrir, se fazer de palhaço nos programas de TV, sorrir bastante, sobretudo não morder a mão que lhes dá de comer, comparecer às feiras de livros e responder de bom grado às perguntas mais cretinas, sorrir nas piores situações, fazer cara de inteligente, controlar o crescimento demográfico, agradecer sempre."

**"O GAUCHO INSOFRÍVEL"**

- De Roberto Bolaño
- Tradução de Joca Reiners Terron
- Companhia das Letras
- 152 páginas
- R\$ 59,90

"O gaúcho insofrível" é a história de um homem dos pampas. Não a biografia de um gaúcho, mas de um advogado de Buenos Aires que, ante o desmoronamento da economia, decide voltar ao sul a fim de conectar-se com o passado – e a verdade – da Argentina. Seu conhecimento da região é apenas literário. A cada passo reconhece cenários de Güiraldes, do "Martín Fierro", dos cavaleiros de Benedetto: "Recordou, como era inevitável, o conto "O sul", de Borges, e depois de imaginar o armazém dos parágrafos finais seus olhos se umedeceram". O conto é uma farsa, mas não só isso.

Hector Pereda atravessa a planície como "se passeasse por um museu portátil". Tudo o que encontra são ruínas. No lugar da valentia, figuras apáticas; dos amplos rebanhos, estranhos coelhos. Tudo em volta está deserto. Ou quase. O personagem quer refundar a comunidade e recuperar a vida, mas ele habita um

simulacro. A paródia de uma paródia. Os *gaúchos* autênticos não existem mais – talvez nunca tenham existido fora do imaginário romântico do país. Apesar disso, Pereda permanece. Investe o que tem e o que não tem na empreitada. Começa a não ver ao redor apenas personagens de ficção.

O *'gaúcho insofrível'* (numa outra tradução, talvez mais precisa, do título do livro) que é Pereda age sobre o pampa e algo, ínfimo, se move. O trabalho de reinvenção de si e da vida começa a dar frutos. A perspectiva do conto é esperançosa. Diferente da tradição argentina, segundo a qual o sul é violento ou infértil, Bolaño muda o rumo esperado. Saem o heroísmo e a tragédia. Pereda encontra outra mulher, a estância ganha telhado e horta, voltam as suas forças. Ele decide ficar no campo depois da crise.

Da entropia, Bolaño faz outra coisa. Não há milagres ou retornos reconfortantes às origens. Mas é como se o escritor afirmasse, por meio dessa parábola nada exemplar, que é possível passar da dívida à dádiva. Com Pereda, Bolaño inscreve-se no cânone argentino. Como bom leitor dos mestres portenhos, a homenagem que faz contém uma gota de veneno.

"O gaúcho insofrível" é um dos testamentos do escritor. O manuscrito foi entregue aos editores logo antes da sua internação. Talvez por isso, o livro tem esse tom de desafio à morte. Mas há nele também um lado violento e obscuro. A escuridão das tocas e dos esgotos é o cenário para outro grande momento do escritor, o conto "O policial dos ratos". É uma história de detetive e melancolia que se passa entre camundongos. Os bichos arrastam-se, angustiados, em espaços apodrecidos debaixo da terra. Quase não há luz. Pepe, o Tira, seu narrador e protagonista, percorre túneis em busca de matadores, animais capazes de estraçalhar corpos de fêmeas ou deixar morrer de fome, pelo prazer do espetáculo, um filhote recém-nascido.

A gratuidade dos crimes leva Pepe ao desencanto com o mundo dos ratos. A narrativa lembra "A parte dos crimes", capítulo principal de "2666", romance que Bolaño ia escrevendo nessa mesma época. De fato, estilhaços do romance espalham-se por todo "O gaúcho insofrível", que se arma às vezes como desdobramento e contraponto desse projeto. Até o verso de Baudelaire, tomado como epígrafe do romance é retomado, ainda que com outro sentido, em "Literatura + doença = doença".

Em "2666", Bolaño apresenta – num estilo cartorial no qual críticos viram a linguagem dos relatórios de medicina legal – centenas de assassinatos contra mulheres na fronteira México-Estados Unidos. Os crimes da superfície

de um texto ecoam na violência subterrânea do outro, e os fios do relato zoo de Bolaño trazem à tona os mesmos elementos: pobreza, alienação, indiferença.

"Tudo leva a pensar que isso não tem saída", são as palavras de Bolaño no fecho do livro. O contexto é outro – elas fazem parte de "Os mitos Cthulhu" e dizem respeito ao apequenamento da literatura frente aos poderes do mercado. Mas nessa imagem do impasse ouve-se a voz de Franz Kafka. É com essa voz que Bolaño decide abrir e fechar "O gaúcho insofrível". E não se trata de referir Kafka de modo mais ou menos convencional, como um signo do absurdo. Bolaño refaz Kafka, toma o último livro do escritor tcheco, "Um artista da fome", como horizonte ético e estético.

O conto "O policial dos ratos" é uma continuação livre, isto é, uma reinvenção adúltera, de "Josefina, a cantora, ou O povo dos camundongos". À história da ratazana e seus estríduos Bolaño acrescenta o mistério e o sangue. A reflexão dolorosa sobre a condição do artista que está em "Josefina", "Primeira dor" e "O artista da fome", de Kafka, ganha ares de diátriba e de comédia nas conferências ficcionais de "O gaúcho insofrível". No entanto, o elemento mais importante desse diálogo é a aguda consciência dos deveres do artista diante de um mundo enfermo e da própria finitude. Confrontados com o mal e a doença, instados ao silêncio e à impotência, Kafka e Bolaño optaram por continuar a escrever. E escolheram, até o fim, a forma difícil: o túnel cego, a pergunta sem resposta.



GUSTAVO SILVEIRA RIBEIRO é professor de literatura da UFMG e um dos editores da "Ouriço" revista de poesia e crítica cultural

PRIMEIRA LEITURA

“Dentro de tudo, a noite”

MARANA BORGES

SOBRE
A AUTORA

Nascida em São Paulo em 1984, Marana Borges é escritora e crítica literária. Formada em jornalismo pela USP, possui doutorado pela Universidade de Lisboa com tese sobre Proust. Foi pesquisadora bolsista no Centro de Estudos Comparatistas de Lisboa e no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) de Paris. É autora de “Mobiliário para uma fuga em março” (Dublinense, 2021), vencedor do Prêmio Minas Gerais de Literatura e indicado ao Prêmio Oceanos. Lançado na última terça-feira em São Paulo, “Dentro de tudo, a noite” é o segundo romance da autora.

CAPÍTULO 1

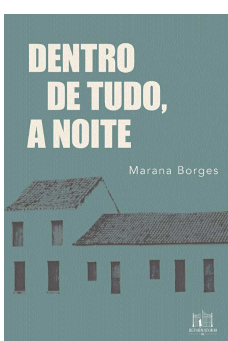
Mãe dizia para afastar os brinquedos das paredes, elas estavam envergando com as infiltrações. Havia um epicentro, assim ela o chamava, de onde saía um tremor, toda a água a se espalhar pelas rachaduras e amolecer o pé direito da construção. A taipa viria abaixo e era melhor não estar por perto quando isso ocorresse. Mãe falava de águas, e dizia que os outros não lhe davam ouvidos porque preferiam morrer soterrados, as mãos entre escombros pedindo socorro, ou o mofo por dentro de gargantas tuberculosas, do nariz, a pele desfazendo-se em escamas de peixe. Passou meses dizendo e, quando se cansou de dizer, anunciou a derrubada das paredes. Era uma manhã de abril.

— Mais um pouco e a casa cai — disse.

— Ou a menina apanha a mesma tosse da avó.

Sentado à frente, pai fingia não escutar. Desenrolou o guardanapo com demora, de cabeça baixa. Era o único que ainda usava guardanapos de pano. Depois de estendê-lo sobre o colo, falou uma longa e enviesada frase que ninguém entendeu, e só podia querer dizer que era contra.

A filha, alheia, jogava miolos de pão dentro da xícara. Os pedaços boiavam no café, inchados de preto. Ela nada dizia. Nem quando lhe serviram o leite, já frio. Mas o avanço invisível da água pela parede, como mãe falava, a água que se alastrava pelas fendas até deitar a casa abaixo — causou-lhe grande impressão.



“DENTRO DE TUDO, A NOITE”

- De Marana Borges
- Reformatório
- 240 páginas
- R\$ 58,00